

PROTOCOLO VERBAL E TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação¹

Resumo: Estratégias cognitivas e metacognitivas possibilitam ao indivíduo planejar e monitorar o seu desempenho de aprendizagem, permitindo, com isto, a tomada de consciência dos processos utilizados para aprender. Favorecem a tomada de decisões apropriadas sobre quais estratégias adotar em cada tarefa e a avaliar a sua eficácia, alterando-as quando não produzem os resultados desejados. Nesse sentido, os estudos sobre a cognição humana encontram-se na base para a compreensão de como o ser humano processa, armazena, representa e recupera a informação. O Protocolo Verbal (PV) e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) são técnicas aplicadas enquanto instrumento de pesquisa na coleta de dados que fornecem informações introspectivas (PV) e projetivas (TALP) relacionadas aos processos mentais dos indivíduos pesquisados. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre as viabilidades corroborativas que podem permear ambos os instrumentos de coleta de dados em pesquisas no âmbito da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Cognição. Protocolo Verbal. Teste de Associação Livre de Palavras. Ciência da Informação.

Derek Warwick da S. Tavares

Mestrando em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB); Bacharel em Arquivologia (UFPB) e Licenciado em História (UFPB).
e-mail: derek_mg@hotmail.com

Raissa Carneiro de Brito

Pós-graduanda em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB) e Bacharel em Biblioteconomia (UFPB).
e-mail: raissa_px@hotmail.com

Ana Cláudia Cruz Córdula

Mestranda em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB) e bacharel em Arquivologia (UFPB).
e-mail: anacordula@gmail.com

Julianne Teixeira e Silva

Doutoranda em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB), professora do Departamento de Ciência da Informação (UFPB).
e-mail: julianne.teixeira@gmail.com

Dulce Amélia de Brito Neves

Professora do Departamento de Ciência da Informação (UFPB).
e-mail: [damelia1@gmail.com](mailto:damelial@gmail.com)

VERBAL PROTOCOL AND FREE WORD ASSOCIATION TEST: perspectives of introspective research instruments and projective in information science

Abstract: Cognitive and metacognitive strategies enable the individual to plan and monitor their learning performance, allowing the awareness of the processes used to learn and to make appropriate decisions about what strategies to adopt for each task and evaluate their effectiveness by changing - as when you do not produce the desired results. In this regard, studies on human cognition are the basis for understanding how the human processes, stores, and retrieves information is. Verbal Protocol (PV) and the Test of Free Association of Words (TALP) techniques are applied as a research instrument to collect data that provide introspective information (PV) and projective (TALP) related to the mental processes of individuals surveyed. The objective of this research was noted on corroborative viabilities that can permeate both instruments to collect data on research within the Information Science.

Keywords: Cognition. Verbal Protocol Analysis. Free Word Association. Information Science.

¹ Pesquisa elaborada durante a disciplina “Protocolo verbal: método e técnica de pesquisa qualitativa” período 2013.2 ao PPGCI/UFPB.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos da cognição que abordam sobre a temática dos tipos de memória são importantes na codificação, armazenamento e recuperação da informação, pois auxiliam na compreensão de como ocorrem as interações do conhecimento humano. Já a metacognição se caracteriza, no indivíduo, como a reflexão do próprio pensamento e das próprias ações sobre o processo de aprendizagem.

O processo de aprendizagem tem relação com o nível pessoal de cognição e também com os tipos de estratégias cognitivas e metacognitivas que possibilitem ao indivíduo planejar e monitorar o seu desempenho de aprendizagem.

Esse trabalho apresenta duas técnicas de coletas de dados: o Protocolo Verbal (PV) e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), que observadas podem trabalhar em consonância com determinados objetos de pesquisas para melhor extração de dados, quando a pesquisa se referir aos processos cognitivos dos sujeitos envolvidos.

Como forma de relacionar o TALP com o PV, observou-se que o TALP poderá auxiliar nos processos que favorecem a revelação de desejos fundamentais, elementos de conflitos, momentos significativos da história de vida e as representações sociais relacionadas a objetos e fenômenos; por outro lado, o PV irá identificar os processos e conteúdos cognitivos do indivíduo, revelando aspectos de caráter introspectivos.

Em ambos os instrumentos, encontramos reflexões raciocinadas e realizadas por processos sociocognitivos que se complementam. Um permeia a introspecção do indivíduo, o outro a projeção de suas vivências. Trabalhadas em conjunto, estas duas técnicas podem corroborar a amplificação das pesquisas e, conseqüentemente, proporcionar maiores possibilidades prospectivas no âmbito da Ciência da Informação.

2 COGNIÇÃO, METACOGNIÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação possui em seu escopo estudos sobre a organização, recuperação e disseminação da informação. Estudos nessas áreas demandam que haja uma relação sinérgica com a representação da informação. Nesse sentido, as teorias da psicologia

cognitiva não fogem do arcabouço da representação da informação, pois a mesma retrata como se dá o processo de aprendizagem do conhecimento humano.

A etimologia do termo psicologia tem sua origem nas palavras gregas, "psyche" e "logos", que podem ser compreendidas como o estudo da alma, ou estudo da mente (NEVES, 2011). A Ciência da Informação absorve conceitos da psicologia cognitiva para melhor representar a informação, de acordo com os padrões cognitivos do ser humano.

A psicologia cognitiva é descrita por Sternberg (2000, p.22) como o modo que “as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação”. A Ciência Cognitiva é uma área de estudo interdisciplinar, que se inter-relaciona com a Psicologia Cognitiva, a Ciência da Computação, os Sistemas de Informação, a Inteligência Artificial, a Neurociência, a Linguística, entre outras. (LIMA, 2003).

Por cognição entende-se um tipo específico de representação dos objetos e fatos ou qualquer tipo de representação da informação proveniente do meio. O dicionário de psicologia, Mesquita e Duarte (1996 p. 45), define a cognição como um conceito utilizado para designar comportamentos, pensamentos, atitudes e crenças conscientes dos indivíduos.

Para Piaget (1986), existem estruturas inatas do sujeito que se organizam a partir das experiências do meio ambiente, resultando os processos perceptivos. Desta forma, na visão piagetiana a cognição tem estreita relação e é construída através do meio, e todo comportamento é por ele influenciado. Sternberg (2000), um dos teóricos considerados neopiagetianos, ressalta que a cognição centra-se no processar e no coordenar elementos que possibilitam a diferenciação de informação na determinação de sub-objetivos para atingir uma meta.

Weinert (1987), afirma que a metacognição pode ser considerada como cognição de segunda ordem: pensamento sobre pensamento, conhecimento sobre conhecimento, reflexão sobre ações. Jones (1988), citado por Morais & Valente (1991), afirma que a metacognição exerce influencia sobre a motivação, sendo que isso se dá devido ao fato de a metacognição possibilitar ao sujeito, o controle e gestão dos próprios processos cognitivos, dando-lhe a noção da responsabilidade pelo seu desempenho, gerando assim, confiança nas suas próprias capacidades.

Como podemos observar nas definições de cognição e metacognição, alguns estudiosos na área afirmam que é difícil, em certo ponto, definir esses campos do

conhecimento e distinguir suas diferenças, podendo ser compreendidos como complemento um do outro.

A partir da década de 1970, autores como Brown (1978), Flavell e Wellman (1977), Weinert e Kluwe (1987), intensificaram as pesquisas sobre aprendizagem e as capacidades cognitivas, bem como o que tange à cognição no sentido da memória, leitura e compreensão de texto. Para a compreensão da cognição humana, vários teóricos da psicologia cognitiva utilizam constructos para a melhor explicação de estruturas da memória. Neves (2011, p. 17), em seu livro *Metacognição, Informação e Conhecimento (pensando em como pensar)*, apresenta alguns desses constructos sobre a memória como, por exemplo: Memória de Curto Prazo(MCP), Memória de Trabalho, Memória de Longo Prazo (MLP).

Os estudos da Cognição que abordam sobre a temática dos tipos de memória são importantes na codificação, armazenamento e recuperação da informação, pois auxiliam a compreender como as interações do conhecimento humano são efetuadas. Nesse sentido, com o intuito de obter uma melhor compreensão acerca das interações da cognição humana, surge como fruto das pesquisas sobre o tema o modelo proposto por Pressley (1986), denominado como Bom Utilizador de Estratégias (*Good Strategy User*). Esse é compreendido como a utilização de estratégias, sendo importante também o conhecimento sobre quando e como utilizá-las, a fim de facilitar a faculdade de planificar e dirigir a compreensão e avaliar o que foi compreendido.

Flavell (1979) também contribui de maneira significativa com os estudos que intitulou de Modelo Global de Monitorização Cognitiva que inclui quatro aspectos inter-relacionados, sendo eles:

- a) Conhecimento Metacognitivo: que aglutina os componentes sensibilidade e conhecimento das variáveis da pessoa, da tarefa e da estratégia;
- b) Experiências metacognitivas;
- c) Objetivos;
- d) Ações ou estratégias.

Neves (2006) destaca as quatro principais teorias no que tange à cognição humana: a de Piaget, a neopiagetiana, a de Vygotsky e a abordagem do processamento da informação. Piaget relaciona o desenvolvimento cognitivo com estruturas cognitivas que estão ligadas ao nível de inteligência. Para Piaget (1983), a cognição humana é uma forma de adaptação biológica na qual o conhecimento é construído aos poucos, a partir do

desenvolvimento da inteligência. Para os neopiagetianos, as habilidades cognitivas possibilitam ao indivíduo a diferenciação de informações com o intuito de determinar subobjetos para atingir uma meta. Já Vygotsky (1998) acreditava que o conhecimento é construído durante as interações entre os indivíduos em sociedade, desencadeando o aprendizado.

A teoria do processamento da informação reúne diversas abordagens que estudam a mente e a inteligência, em termos de representações mentais e seus processos subjacentes ao comportamento observável. A partir das reflexões aqui expostas, com bases nos autores citados, pode-se compreender a metacognição como a reflexão do próprio pensamento, das próprias ações sobre o processo de aprendizagem.

Neste sentido, o processo de aprendizagem tem relação com a idade, experiências pessoais e nível pessoal de cognição, mas também se relaciona com os tipos de estratégias cognitivas e metacognitivas que possibilitem ao indivíduo planejar e monitorar o seu desempenho de aprendizagem. Dessa forma, permite a tomada de consciência dos processos que o indivíduo utiliza para aprender e a tomada de decisões apropriada sobre quais estratégias utilizar em cada tarefa, bem como avaliar a sua eficácia, alterando-as quando não produzem os resultados desejados.

Diante dos estudos aqui referenciados, pode-se observar que os estudos sobre a cognição humana encontram-se na base para a compreensão de como o ser humano processa, armazena, representa e recupera a informação.

3 PROTOCOLO VERBAL: DESCORTINANDO A INTROSPECÇÃO DE INDIVÍDUO

O Protocolo Verbal (PV) é uma técnica, também chamada protocolo do “pensar alto”, que é utilizada para se fazer referência a verbalizações do pensamento de um indivíduo, enquanto o mesmo realiza uma tarefa cognitiva. Nesse sentido, essa técnica, tem sido aplicada como instrumento de pesquisa na coleta de dados fornecendo, assim, informações relacionadas aos processos mentais dos indivíduos durante a realização de uma tarefa. De acordo com Baldo (2011), os PVs têm uma importância ímpar para estudos que investigam

processos cognitivos, destacando-se entre eles, a leitura, percebendo-o como um instrumento de análise introspectiva.

Ericsson e Simon (1980, 1993) são os principais responsáveis pela sistematização dos PVs, a partir do início da década de 80, trazendo uma maior evidência para os métodos introspectivos contextualizando-os no universo científico. (BALDO, 2011; NEVES, 2004; FUJITA, 2003).

A **técnica introspectiva** do “Pensar Alto” descortina conteúdos do interior do indivíduo, de maneira natural, o que de certo modo traz vantagens sobre outras técnicas, tais como questionários, entrevistas, entre outras. Isso ocorre porque ela é capaz de fornecer acesso direto à prospecção e ao processo mental de leitura enquanto a mesma está sendo realizada pelo leitor, o que o diferencia das outras técnicas que revelam reflexão após o processo de leitura. (FUJITA, 2003).

Baldo (2011) relata que Ericsson e Simon (1993) propõem uma subdivisão no cenário dos PVs, trazendo à tona duas categorias: o PV concorrente, no qual o sujeito realiza a tarefa e produz em paralelo as verbalizações e o PV retrospectivo, no qual o sujeito relata o processo cognitivo que aconteceu anteriormente. Nesse contexto, os autores afirmam que o PV concorrente é o mais utilizado.

Fujita e outros (2009) ressaltam que essa técnica é, frequentemente, utilizada na psicologia cognitiva e na educação com o foco voltado para a observação e a investigação dos processos mentais, destacando-se entre eles as atividades de representação da informação e de uso de estratégias. Já Neves (2004) relata que o PV tornou-se útil no estudo de processos cognitivos complexos, tais como a resolução de problemas e a tomada de decisões, e acrescenta que além de ser usado na Psicologia Cognitiva, o PV tem sido empregado também na Linguística, na Educação, na Ciência da Informação, na Física, na Química, na Matemática e na Informática, campos nos quais o PV passa a influenciar no desenvolvimento de sistemas inteligentes.

No que tange ao objetivo principal de sua utilização, Espino (2007) afirma que o escopo maior dessa técnica é o de instruir sujeitos a verbalizarem seus pensamentos de modo que estes possam ser aceitos como dados válidos. Porém, para serem assim considerados, é importante salientar que é necessário todo um rigor em sua aplicação, conforme afirma Neves:

O protocolo verbal surgiu nesse contexto: sua grande utilidade e uso crescente - como na história da introspecção - exigiram a introdução de controle e rigor metodológicos bem definidos para conferir a ele validade e credibilidade, além de visibilidade frente à comunidade científica. (NEVES, 2004, p.40).

O PV emerge na década de 80, como uma metodologia aplicada individualmente; dessa forma surge o Protocolo Verbal Individual. Porém, Fujita (2009) assevera que essa metodologia foi a base para a elaboração de duas novas metodologias, que são o Protocolo Verbal em Grupo e o Protocolo Verbal Interativo. Estudos desenvolvidos por Nardi (1999) refletem o Protocolo Verbal adaptado para a investigação com grupos de pessoas envolvendo eventos de leitura objetivando observar a cognição socialmente construída, percebendo-se, nesses contornos, a aplicação do Protocolo Verbal em Grupo.

Durante a aplicação do PV, a verbalização do indivíduo deve ser gravada e transcrita literalmente. Nesse panorama, os protocolos são geralmente percebidos como os relatos verbais dos processos mentais conscientes dos indivíduos que estão sendo analisados. (FUJITA, RUBI, BOCCATO; 2009). É importante, também, destacar que, no decorrer de sua aplicação, podem e devem ser consideradas as expressões faciais e os gestos realizados pelos indivíduos enquanto dura o processo. Desta forma, para analisar tais expressões, a utilização de câmera filmadora pode ser mais adequada para que se possa ter resultados mais eficazes para uma análise mais acurada. Outro pilar de grande relevância em sua aplicação está em torno do pesquisador, sendo de extrema importância que o mesmo mantenha um mínimo de interação com o indivíduo para que não haja troca de informações e, conseqüentemente, interferência no resultado final.

Considerando os aspectos metodológicos referentes ao uso adequado do PV, Neves (2004) faz referência a alguns autores, dentre eles: Pressley e Afflerbach (1995), Crain-Thoreson, Lippman e McClendon-Magnuson (1997), e destaca a contribuição dos mesmos no que se refere à relevância de questões metodológicas associadas ao procedimento de PV. Destacam-se, entre essas questões, as categorias de análise; as características dos sujeitos; o número de sujeitos; características dos textos; método de análise; instruções específicas e transcrição da verbalização. Baseado em Neves (2004), foi criado o quadro 1, a seguir, trazendo algumas recomendações a serem seguidas, por parte do pesquisador, para uso do PV.

Quadro 1: Precauções necessárias para utilização do PV como Método.

RECOMENDAÇÕES PARA O USO DO MÉTODO PV: PRECAUÇÕES IMPORTANTES	
Identificação das Categorias de Análise	- A escolha ou pressuposição de categorias a serem observadas em um estudo deve ser feita tendo em vista o objetivo da investigação.
Especificação das Características dos Sujeitos	<p>- No que se refere às características dos sujeitos, existem diferenças entre os sujeitos da pesquisa que precisam ser cuidadosamente observadas ao escolhermos a amostra com que iremos trabalhar na investigação, tais como: nível de conhecimento, habilidades de leitura, habilidades especiais, como a motivação, dentre outras.</p> <p>- As características dos sujeitos precisam ser delineadas. Os pesquisadores devem atentar para o conhecimento prévio do sujeito sobre o assunto a ser tratado no texto, a sua capacidade de memória de trabalho, as suas habilidades especiais e a sua motivação.</p> <p>- O foco deve voltar-se para alcançar uma amostra de sujeitos relativamente estável, possibilitando a consistência nos dados da pesquisa.</p>
Determinação do Número de Sujeitos	- As pesquisas podem abranger um grande número de participantes, porém a maioria delas envolve poucos sujeitos, pois é um processo de custo alto, com coleta, transcrição e análise de dados.
Seleção das Características dos Textos	<p>- As características dos textos estão diretamente ligadas às características dos leitores e aos objetivos da pesquisa.</p> <p>- Ao lidarmos com leitores proficientes, é necessário usarmos textos com grau de dificuldade que constitua um desafio, sem tornar a leitura um ato extremamente complexo.</p> <p>- Se o texto for muito fácil, será lido automaticamente como uma mera reprodução, sem necessidade de aplicar estratégias mentais mais elaboradas para a sua compreensão.</p> <p>- Outro ponto a ser considerado é a área do conhecimento abrangida pelo texto, que não deve ser totalmente desconhecida dos sujeitos da pesquisa.</p>
Opção por um Método de Análise	- Os métodos de análise dizem respeito ao processo de classificação dos comentários obtidos durante o protocolo verbal em categorias preestabelecidas, o que é chamado de codificação das respostas.
Caracterização das Instruções aos Sujeitos	<p>- Quanto à orientação dos sujeitos, uma constante entre os teóricos é a necessidade de instrução aos sujeitos sobre o procedimento de pensar e ler o texto em voz alta.</p> <p>- Embora existam pontos de vista contrastantes, observamos que a maioria dos autores consultados indica a importância de instruções aos participantes do protocolo verbal.</p>
Realização da Transcrição da Verbalização	<p>- Após a coleta de dados dos relatos verbais, procede-se à sua transcrição e análise.</p> <p>- Com um roteiro preestabelecido, o pesquisador terá mais segurança e possibilidade de consistência na coleta de dados, pois o protocolo verbal é um método que, algumas vezes, necessita de adequações ou correções, mesmo após a coleta de dados.</p>

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Neves (2004).

A utilização do Protocolo Verbal, baseando-se nas recomendações supracitadas, possibilitará melhor desempenho no alcance do resultado de sua aplicação pautando-se na verbalização do pensamento do indivíduo, enquanto o mesmo realiza uma tarefa cognitiva, trazendo à tona informações relacionadas aos seus processos mentais durante a realização de uma tarefa.

4 TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP): REVELANDO VISÕES DE MUNDO

O Teste de Associação Livre de Palavras, segundo Merten (1992), tem como base de sua construção as compreensões filosóficas de Aristóteles sobre a *associação de ideias*, através da qual se originou o que se chama de Teoria Associacionista da Memorização. Com o surgimento da Psicologia como Ciência, iniciam-se as investigações sobre o associacionismo relacionado com a cognição humana. Contudo, segundo o autor, é com Carl Gustav Jung (1906) que o Teste de Associação Livre de Palavras passará a ser utilizado em práticas de pesquisas inclinadas para o campo da clínica, com o objetivo de identificar, por meio de diagnóstico, os complexos da mente humana, ou ainda, a estrutura da personalidade dos indivíduos. (NÓBREGA; COUTINHO, 2003, p. 67).

Sua utilização se direciona, sobretudo, no campo da Psicologia clínica (inicialmente) e, mais recentemente, nas pesquisas derivadas da Psicologia Social, mais especificamente naquelas relacionadas à Teoria das Representações Sociais² - TRS, que surge no início da década de 1960 como uma teoria capaz de compreender e explicar a realidade através dos saberes comuns aos indivíduos (*função saber*), corroborando com a definição das identidades sociais (*função identitária*) que guiará e justificará as ações e os comportamentos dos indivíduos em sociedade (*função de orientação e justificação*). (ABRIC, 2000, p. 28).

Contudo, a utilização do TALP, em consonância com a TRS, aparecerá na década de 1980, com Di Giacomo (1981) que, segundo Nóbrega e Coutinho (2003), sua utilização é diferenciada em comparação a Jung, pelo fato de que, ao invés de se preocupar com o aspecto clínico, os pesquisadores da Psicologia Social estarão preocupados com “as dimensões

² A Teoria das Representações Sociais - TRS surgiu no ano de 1961 através do Psicólogo Social, Serge Moscovici e da publicação de sua tese intitulada “La Psychanalyse, son image, son public” – A psicanálise, a sua imagem e o seu público. (Moscovici, 1961).

latentes nas RS, através da configuração dos elementos que constituem a trama ou rede associativa dos conteúdos evocados em relação a cada estímulo indutor”. (NÓBREGA, COUTINHO, 2003, p. 68).

No campo da Ciência da Informação, no que diz respeito aos estudos realizados no Brasil, a primeira utilização do Teste de Associação Livre de Palavras surgiu no ano de 2011 com uma pesquisa realizada por Tavares e Alves (2011, 2012), no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, que teve como objetivo identificar as representações sociais (RS) dos estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia sobre o curso de Arquivologia e sobre a profissão de arquivista.

Nesse sentido, a técnica se apresenta como sendo de tipo projetiva, a medida que atua diretamente sobre a estrutura psicológica dos indivíduos por meio de estímulos indutores, que podem ser verbais (frases, palavras, expressões) ou não verbais (figura, imagens fixas ou em movimentos) que respondem às induções, evidenciando aspectos de sua personalidade ou suas representações acerca do objeto indutor. Como projetiva, o TALP tem a importância de que as suas “perguntas e respostas não são diretas, [ou seja] entram necessariamente, no campo metafórico. A metáfora, ao invés de tudo dizer, revela o que esconde. O sujeito sabe o que diz, mas não do que diz”. (COUTINHO, NÓBREGA e CATÃO, 2003, p. 51).

Sob o seu aspecto “operacional”, Nóbrega e Coutinho (2003) afirmam a necessidade de nunca se perder de vista, em pesquisas cuja técnica seja projetiva, quatro condições essenciais: *estimular, observar, registrar e obter comunicação*. Assim, percebemos que todos esses quatro elementos estão atrelados à aplicação do teste e podem ser divididos em três momentos distintos. Num primeiro momento, temos a definição do **estímulo** que deve sempre corresponder ao problema ou objeto da pesquisa.

Tomando como exemplo a pesquisa desenvolvida no campo da Ciência da Informação por Tavares e Alves (2011), percebemos que os dois estímulos utilizados foram *Arquivologia* e *Arquivista*, ou seja, ambos relacionam-se diretamente com o objeto e o problema da pesquisa (Curso de Arquivologia e Arquivista). No segundo momento, temos a **observação** e o **registro**. A observação ocorre no momento da aplicação do teste, onde devem ser observadas as reações e comportamentos durante o período de resposta a cada estímulo. Essas observações devem ser registradas, bem como o tempo de resposta, pois

Jung entendia que quando os sujeitos não respondiam ao estímulo, ou demoravam na evocação da resposta, ou seja, seja com relação às palavras traumáticas assim como as palavras não traumáticas, a presença do bloqueio

revelado na ausência da resposta assim como um tempo de reação prolongada na evocação da resposta eram indícios da existência de forte conteúdo emocional que interferia no processo associativo, sugerindo implicações patológicas. (NÓBREGA, COUTINHO, 2003, p. 67-68).

A **comunicação** aparece como terceiro momento, em que o indivíduo participante da pesquisa irá responder aos estímulos, evidenciando sua personalidade, suas compreensões ou suas representações, através dos mais primários pensamentos que foram articulados quando do contato do indivíduo com o estímulo.

Temos então uma técnica que, por meio de induções, consegue captar e receber informações, aparentemente ocultas ou não, e que, através de uma resposta associativa a uma imagem ou a uma palavra é possível revelar as opiniões, os pensamentos, as personalidades, o que torna essa técnica, segundo Erikson (1971) apud Merter (1992), um “dos melhores guias para o significado de um ponto até então obscuro”.

É nessa perspectiva reveladora de um lado “oculto” que tentaremos aproximar o TALP dos Protocolos Verbais. Pois se em um momento, as respostas são dadas numa perspectiva introspectiva, equivalendo até mesmo ao próprio procedimento de execução da tarefa, temos o TALP como uma possível técnica de ampliação dos estudos em cognição social na Ciência da Informação, na perspectiva de possibilitar as apreensões interiores aos indivíduos.

5 PROTOCOLO VERBAL E TALP: possibilidades corroborativas

Partindo de uma aplicação integrada, identificamos um ponto possível de interseção entre Protocolo Verbal e Teste de Associação Livre de Palavras, na qual essas duas técnicas podem ampliar os resultados e a compreensão de estudos cognitivistas e sociais em Ciência da Informação. Temos assim a possibilidade de além de identificar através do PV, ‘o fazer’ de determinada atividade, como a possibilidade de identificar, por meio do TALP, a representação que o indivíduo revela sobre este ‘fazer’, que neste sentido estará passível de infinitas possibilidades representacionais.

Traçando um contraponto entre TALP e PV, observamos que ambos são estudos que partem de processos cognitivos que utilizam meios para serem externalizados. Segundo FUJITA (2003), o PV é uma **técnica introspectiva** do “Pensar Alto” descortinando a

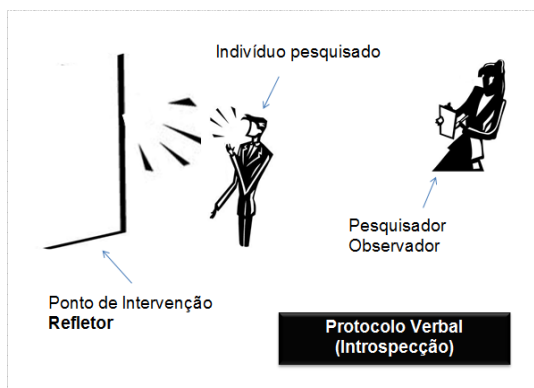
introspecção do leitor. Já o TALP é uma **técnica projetiva** que, segundo Jung, (1905) apud Rapaport (1965), tem como principal característica revelar os aspectos mais subjetivos do indivíduo, sua personalidade e/ou suas representações acerca de determinado objeto.

Como forma de relacionar o TALP com o PV, acreditamos que o TALP auxiliará nos processos que favorecem a revelação de desejos fundamentais, elementos de conflitos, momentos significativos da história de vida e as representações sociais relacionadas a objetos e fenômenos. Em espaços de atuação profissional, por exemplo, o PV irá identificar os processos e conteúdos cognitivos que estão sendo aplicados na execução de uma atividade. Contudo, essa prática, não necessariamente terá como função perceber ou revelar a compreensão que o sujeito tem da atividade que ele executa. Assim, o TALP, como técnica projetiva de revelação das visões de mundo, de um determinado indivíduo, virá como aporte de contribuição ou corroboração do PV na medida em que possibilitará fazer ver ou fazer revelar a compreensão que o indivíduo tem da atividade que ele executa.

Dessa forma é possível ainda ampliar a compreensão com relação aos processos de mecanização do sujeito nas atividades de “trabalho” de modo que, não necessariamente aquilo que o sujeito verbaliza, por meio dos PVs, será realmente a sua compreensão da atividade, mas apenas uma forma já mecanizada, “des-intelectual”, “irracional”. Enquanto que o TALP será a técnica que possibilitará adquirir do sujeito a compreensão que ele tem, de maneira bastante oculta e latente, das atividades que ele executa. Ou seja, o sujeito de fato sabe o que ele está fazendo, ou apenas repete procedimentos?

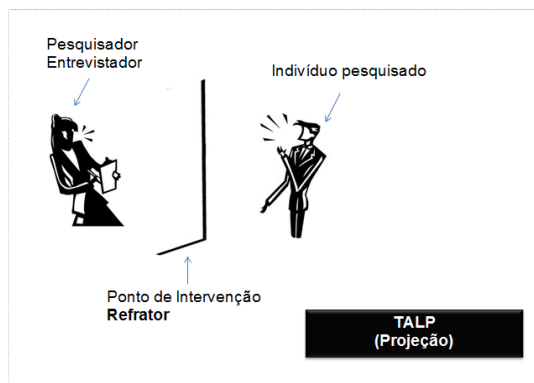
As Figuras 1 e 2 ilustram os processos desses dois instrumentos.

Figura 1: Protocolo Verbal como instrumento de introspecção



Fonte: Elaboração própria, com base nos autores citados.

Figura 2: TALP como instrumento de projeção



Fonte: Elaboração própria, com base nos autores citados.

À medida que o Protocolo Verbal (Figura 1) atua através de uma verbalização que retorna por meio de uma introspecção, como em uma verbalização de um sujeito frente a uma parede ou a um espelho, tudo aquilo que é dito de maneira projetiva, reflete e retorna ao sujeito de maneira introspectiva. Ao observarmos o TALP (Figura 2), a verbalização não encontra pontos de reflexão e sim refração onde o pesquisador é também um interlocutor, provocando e proporcionando ao indivíduo a oportunidade de revelar-se, de projetar seu mundo vivido, sem mesmo perceber o que de fato está fazendo ou dizendo.

Há, entre esses dois instrumentos, uma reflexão raciocinada e realizada por processos sociocognitivos que se complementam. Um permeia a introspecção do indivíduo, o outro a projeção de suas vivências. Acreditamos, portanto, que se trabalhadas em conjunto, essas duas técnicas podem corroborar a amplificação das pesquisas e, conseqüentemente, proporcionará maiores resultados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metacognição define-se como a consciência dos processos cognitivos que um indivíduo utiliza para aprender e tomar decisões apropriadas sobre que estratégias adotar para processar, armazenar, representar e recuperar a informação e conhecimentos.

Estudos da cognição que abordam sobre a temática dos tipos de memória são importantes na codificação, armazenamento e recuperação da informação, pois auxiliam na compreensão de como ocorrem as interações do conhecimento humano. A metacognição se caracteriza, no indivíduo, como a reflexão do próprio pensamento e das próprias ações sobre o processo de aprendizagem.

O Protocolo Verbal (PV) e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) são técnicas aplicadas, como instrumento de pesquisa, na coleta de dados que fornecem informações introspectivas (PV) e projetivas (TALP) relacionadas aos processos mentais dos indivíduos pesquisados.

O objetivo desse trabalho foi refletir sobre as possibilidades corroborativas que permeiam ambos os instrumentos de coleta de dados em uma pesquisa científica. Relacionando o PV com o TALP, entendemos que o Protocolo Verbal é uma técnica introspectiva capaz de trazer à tona elementos que descortinam a introspecção do indivíduo.

Por outro lado, o TALP auxilia nos processos que favorecem a revelação de desejos fundamentais, elementos de conflitos, momentos significativos da história de vida e representações sociais relacionadas a objetos e fenômenos. O TALP, como técnica projetiva de revelação das visões de mundo de um determinado indivíduo, virá como aporte de contribuição ou corroboração do PV, à medida que faculta o ‘fazer ver’ ou ‘fazer revelar’ a compreensão que o indivíduo tem da atividade que ele executa.

Há entre esses dois instrumentos uma reflexão raciocinada e realizada por processos sociocognitivos que se complementam. Um permeia a introspecção do indivíduo, o outro a projeção de suas vivências. Acreditamos, portanto, que trabalhadas em conjunto, estas duas técnicas podem corroborar a amplificação de resultados, bem como proporcionar maiores possibilidades prospectivas nas pesquisas em Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-37.

ALVES, E. C. TAVARES, D. W. S. Olhares transversos: representações sociais dos alunos de Arquivologia e Biblioteconomia da UFPB sobre o curso e a profissão arquivista. **Revista Biblionline**, edição especial, João Pessoa, 2012.

BALDO, A. Protocolos Verbais como recurso metodológico: evidência de pesquisa. **Horizontes de Linguística Aplicada**, ano 10, n1, jan/jun. 2011.

BROWN, A. L. Knowing when, where, and how to remember: A problem of metacognition. In: GLASER, R. (Org.), **Advances in instructional psychology** Hillsdale, N.J.: Erlbaum. 1978. V. 1, p. 77-165.

CAPURRO, R. **What is information science for?:** a philosophical reflection. In: Vakkari, Perti, Cronin, Blaise. **Conceptions of library and information science**. Tempere, Taylor Graham, 1991. p. 82-93.

COUTINHO, M. da P. L; NÓBREGA, S. M; CATÃO, M. de F. F. M. Contribuições Teórico-Metodológicas acerca do uso dos instrumentos projetivos no campo das Representações Sociais. In: COUTINHO, M. da P. L. (Org.) **Representações sociais: Abordagem Interdisciplinar**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

DI GIACOMO, J.P. Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales. **Cahiers de Psychologie Cognitive**, p. 397-422, 1981.

ESPINO, S. P. **Present perfect**: uma questão de aspecto. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

FLAVELL, J. H. Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry. **American Psychologist**, v.34, n.10, 906- 911. 1979

FLAVELL, J. H. & WELLMAN, H. M. Metamemory. In: KAIL, R. V.; HAGEN, O. W. (Eds.). **Perspectives on the development of memory and cognition**. Hillsdale, N.Y.: Lawrence Erlbaum Associates. 1977.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, jul. 2003. Disponível em: < <http://bibli.fae.unicamp.br/revbib/index.html> >

FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; FAGUNDES, S. A. Observing documentary reading by verbal protocol. **Information Research**, v.8, n.4, 2003.

FUJITA, [M. S. L.](#); RUBI, [M. P.](#); BOCCATO, [V. R. C.](#) O contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentária. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.10 , n.2, abr.2009.

FUJITA, M. S. L., org., et al. **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 149 p.

JONES, B. F. Text learning strategy instruction: guidelines from theory and practice. In: WEINSTEIN, C. E.; GOETZ, E. T; ALEXANDER, P. A. (Eds.). **Learning and study strategies**. Issues in Assessment, Instruction and Evaluation (pp. 223-257). San Diego: Academic Press, Inc., Educational Psychology Series. 1988.

LIMA, G. A. B. Interfaces entre ciência da informação e ciência cognitiva. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p.77-87 jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=166&layout=abstract>>. Acesso em: Nov.2013.

MERTEN. T. O Teste de Associação de Palavras na Psicologia e Psiquiatria: História, Método e Resultados. In: **Revista Análise Psicológica**, 31-541. 1992.

MESQUITA, R. & DUARTE, F. **Dicionário de Psicologia**. Lisboa: Plátano Editora. 1996.

MORAIS, MM & VALENTE, M.O. pensar sobre o pensar: Ensino de estratégias metacognitivas parágrafo recuperação de alunos com dificuldades na compreensão da leitura na disciplina de língua portuguesa. **Revista de Educação**, v.2, n.1, p.35-56. 1991.

NARDI, M. I. A. **A metáfora e a leitura como evento social**: instrumentos do pensar a Biblioteconomia do futuro. São Paulo, 1999.271f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

NEVES, D. A. de B. **Aspectos metacognitivos na leitura do indexador**. 2004. 131 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. Ciência da Informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, p.39-44, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a05.pdf>>. Acesso em: 29 Out. 2013.

_____. La verbalización como registro para análisis en la investigación sobre lectura. **Anales de Documentación, Revista de Biblioteconomía y Documentación**. Universidad de Murcia España, v.9, 2006. Disponível <http://www.um.es/fccd/anales/ad09/ad0900.html>

------. **Metacognição, Informação e Conhecimento**: pensando em como pensar. Recife: Néctar, 2011.

NÓBREGA, S. M; COUTINHO, M. da P. L. O Teste de Associação Livre de Palavras. In: COUTINHO, M. da P. L. (Org.) **Representações Sociais**: Abordagem interdisciplinar. Editora Universitária, UFPB, João Pessoa, 2003.

PIAGET, J. **Aprendizagem e conhecimento**. In: PIAGET, J., GRÉCO, P. Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974. Título original: Apprentissage et connaissance, 1959.

RAPAPORT, D. **Testes de diagnóstico psicológico**. Buenos Aires: Editora Paidos, 1965.

STERNBERG, R. J. **Intelligence applied. Understanding and increasing your intellectual skills**. New York: Harcourt, Brace Javanovitch Publishers. 1986.

TAVARES, D. W. S. **A miopia do olhar**: representações sociais dos alunos de Arquivologia e Biblioteconomia da UFPB a respeito do curso de Arquivologia e da profissão arquivística. Trabalho de Conclusão de Curso de Arquivologia da UFPB, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in society**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1978.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEINERT, F. E. Metacognition and motivation as determinants of effective learning and understanding. In: WEINERT, F. E.; KLUWE, R. H. (Eds.). **Metacognition, Motivation and Understanding**. Hillsdale: LEA. p. 1-14, 1987